



SOBRE A SEXUALIDADE (MASCULINA)¹

Alejandro Luis Viviani

A sedução abre o jogo da promessa de prazeres desconhecidos, supondo veladamente uma resposta sobre a origem da sexualidade. Jogo em espelho onde, ao menos por um momento, cada olhar e cada palavra reafirma que o corpo é falo, sem perceber que a própria palavra questiona esta afirmação. Cada palavra, uma detrás da outra, assim como a carícia do olhar sobre um corpo denuncia o encontro falho entre os significantes onde se desloca o desejo e o objeto que é sua causa. A falta de objeto faz que o desejo não falte a sua cita onde se aventura outro desejo.

O mútuo reconhecimento estabelece a tensão possível para a luta amorosa. A libido e a agressividade fazem que o homem ceda frente à fascinação que a mulher lhe produz ao seu corpo erigir-se como falo. Simultaneamente, um produz ao outro, a capitulação de um erige ao outro sob a condição de ser amado o pouco necessário para sustentar a ereção. É a ereção como prova do desejo do homem que ao fazer possível o coito permite definir que o homem é ativo, a mulher passiva e a libido masculina.

¹¹ Este texto foi publicado em: Viviani, Alejandro.L. (org). Sexualidade: feminina / masculina. São Paulo. Brasil. Experimento. 1996. E-mail: alviviani@uol.com.br

Textura

A mendicância amorosa não é uma prerrogativa masculina, esta por exemplo pode tomar as formas discursivas para a obsessão: me ama?, ou para a histeria: ama-me!

A subordinação da cena amorosa ao campo imaginário, que lhe dá consistência, faz com que se desconheça o que esta implícito na preocupação do homem, que além de levar a contabilidade dos orgasmos, pergunta-lhe: você gostou? você gozou?. Se encontra com a inquietação feminina sob a forma de: sim mas...era só isso?, sempre e quando não se antecipe um golpe de misericórdia: você é o melhor!, exatamente no momento em que a detumescência dá imagem à castração.

A paixão pela decadência, tanto para o militante clandestino da castração como para a demolidora de mestres, possivelmente encontre a sua imagem referencial na detumescência.

A preocupação do homem pelo tão esperado orgasmo da mulher dissimula que o que é esperado é “outra coisa”. Apesar de ..., o homem se vanglória de que o seu pênis vale muito mais do que pesa, vale tanto como toda a sua imagem corporal, dado que dirá: Eu a fiz gozar!. A sua relação é suspensa pelo interrogante que lhe impõe o misterioso gozo feminino. Todo o seu corpo como contorno de um oco, até o seu limite, goza.

Lacan nos propõe que gozar de um corpo que simboliza ao Outro não significa relacionar-se com o Outro. A relação com o Outro, lugar dos significantes, se dá para qualquer ser falante a partir da sua identificação ao significante. Homem e mulher são significantes. Homem e mulher estão sujeitos ao Outro, e o Outro será o Outro sexo.

Textura

Gozar de um corpo marcado pelo significante faz com que seja possível gozar de uma parte deste corpo, já que é impossível que um corpo abrace completamente o corpo do Outro. Neste sentido se a linguagem é o aparelho do gozo, neste gozo há falta. O encontro sexual, condicionado desta maneira, indica que para o inconsciente não há relação sexual. Se há alguma forma de encontro sexual é porque há falta e a falta, é essa “coisa”, que é o objeto como causa do desejo. Esta falta que é uma renúncia a um suposto gozo absoluto, permite dizer que o gozo do Outro é impossível, e abre o caminho à um gozo possível que é o chamado gozo fálico. A diferença está entre o gozo esperado, o do Outro, e o obtido, o possível que é o fálico. A Lei com seu correlato a castração, ao por limite a um gozo absoluto e dar lugar a um prazer possível, permite o encontro sexual, nos termos em que o fantasma de cada um se dirige a seu Outro.

Freud inaugura esta diferença quando define o princípio do prazer, o princípio de Nirvana, o desejo e a pulsão.

Pois bem, em relação aos diferentes tipos de gozo temos que o da mulher, o da não-toda, vai ser indicado como o Outro gozo.

Textura

Neste ponto e referenciando-nos no seminário: Mais, ainda, entraremos numa leitura parcial das fórmulas da sexuação:

$\exists x \bar{\phi} x$
NECESSÁRIO
O que não pára de se escrever

$\forall x \phi x$
POSSÍVEL
O que pára de se escrever

$\exists \bar{x} \bar{\phi} x$
IMPOSSÍVEL
O que não pára de não se escrever

$\forall \bar{x} \phi x$
CONTINGENTE
O que pára de não se escrever

Aqui nos encontramos com que a localização das fórmulas altera o quadro tradicional de proposições, a fórmula que corresponderia à proposição particular negativa passa ao lugar da universal afirmativa e a universal afirmativa ao lugar da particular afirmativa. Penso que é uma reordenação que toma como predominante a modalidade.

Se tomarmos em primeiro lugar a fórmula da esquerda $\exists x \bar{\phi} x$ vemos que existe ao menos um que diz não à castração. Os componentes da fórmula são: o quantificador existencial $\exists x$ (existe ao menos um), a predicação simbolizada na função proposicional $\bar{\phi} x$ (x = indicador de lugar que substitui o símbolo do sujeito, ϕ simboliza qualquer predicação, e o traço (_) simboliza a negação). Para a experiência analítica esta predicação corresponde à castração ou o que também vai se chamar função fálica, sendo esta a articulação do corpo com a

Textura

pulsão, e do desejo com a Lei. Nesta proposição particular negativa, existe ao menos um ($\exists x$) que diz não à castração (ϕx) encontramos a simbolização do que Freud teoriza em Totem e Tabu como o Pai Simbólico, o Pai da horda primitiva aquele que possuía “todas” as mulheres, aquele ao qual se poderia supor um gozo todo. Este Pai não é afetado pela castração. Há aqui uma existência, que diz não à castração. A rebelião dos filhos que terminou com o assassinato do Pai e fez com que se instaurasse a Lei contra o incesto, Lei que proíbe a relação sexual entre membros do mesmo clã e neste sentido organiza a família e ordena a cultura. Será em Nome deste Pai morto que se transmite a Lei. Lei que implica a castração formulada em termos imaginários como ameaça de castração para o homem e inveja do pênis para a mulher e na sua forma simbólica como separação ou perda. Temos que a Lei é o ordenador da cultura e o limite e lugar das diferenças, especificamente as sexuais.

É necessária a existência do Pai como exceção que instaura a Lei, é necessária a relação do ser com a Lei na constituição subjetiva. A Lei falocastração, “não pára de se escrever”.

Esta exceção que confirma a regra funda o conjunto dos homens formulado como universal, todos dizem sim à função fálica, $\forall x \phi x$. Todo simbolizado por \forall , todos estão marcados pela castração. Esta proposição universal é possível a partir da exceção que limita o conjunto. O Um da exceção permite dizer-escrever a função fálica desde que há existência. O limite e a condição da instauração do conjunto ($\forall x$) onde o homem se inscreve em relação à função fálica (ϕx) estão dados pela função do Pai.

Textura

O homem marcado pela castração entra no jogo com a mulher relacionado com o gozo fálico. Para o homem, provido do órgão fálico, o sexo da mulher se apresentará sob a forma de gozo do corpo. O homem não poderá gozar esse corpo como todo, gozará de uma parte dele, abordará à mulher como objeto a, objeto causa do desejo.

Na Argentina há uma frase comum que o homem diz a uma mulher nas preliminares “te voy a romper toda”, ou falando da relação com ela para um terceiro diz: “la rompí toda”, se bem trata de referir-se à potência de seu órgão, só diz da condição do seu desejo e da possibilidade do seu gozo. A fez em pedaços, o homem goza do corpo da mulher fazendo-o em pedaços, goza de uma parte. Tomando-a como objeto a, o encontro sexual será nos termos do fantasma.

A existência da Lei faz possível o surgimento de um sujeito, é possível que haja sujeito para a Lei, ali “para de se escrever”. Se para o inconsciente a representação mulher não existe, e a que existe é a representação Mãe, o homem se endereçará a essa “coisa” materna que não alcançará e gozará com o logro.

Do lado direito das fórmulas encontramos uma alteração além da já citada, trata-se da negação dos quantificadores.

A fórmula $\bar{\exists}x\bar{\phi}x$ (Não existe um $(\exists x)$ que diga não à função fálica (ϕx)) indica que não há existência fora da Lei. Como não há exceção que diga não à função fálica, não há limite, conseqüentemente não poderá constituir-se um conjunto fechado. Não há universal mulher, portanto, esse universal aparece negado $(\forall x)$, o que nos permite dizer que ~~A~~ mulher não existe.

Textura

Isto nos confronta com a impossibilidade de dizer-escrever a relação sexual entre “O” homem e “~~A~~” mulher. “~~A~~” como conjunto está apagado.

Esta impossibilidade de escrevê-la, o que “não pára de não se escrever”, nos remete ao mais puro real, esse real que é impossível de ser plenamente simbolizado, lugar dessa “coisa” que escapa ao discurso.

Lacan vai argumentar que esse não-todo permitiria pensar que há exceção, reconhecendo essa dificuldade dá uma pequena virada e propõe pensar o todo ou não-todo não em termos de extensão (finito-infinito) senão em termos de gozo, dizendo que o da mulher, o da não-toda “é da ordem do infinito”².

O não-todo vai propor uma existência indeterminada. $\bar{\forall}x\phi x$, não-todo diz sim a função fálica. A mulher é não-toda como ser sexuado, o é no seu corpo, o qual define sua posição em relação ao gozo fálico.

Em Freud encontramos que na constituição da feminilidade a mulher deve resignar sua zona reitora, o clitóris, por outra nova, a vagina e que a partir da conformação do órgão sexual feminino há um incremento do narcisismo. Este incremento do narcisismo faz que se apresente aparentemente como “toda” desde o insuportável de ser não-toda; identificando-se com um vazio emerge um corpo que mascara o ser não-toda. Terá, já que é não-toda, um gozo suplementar “além do falo”, esse Outro gozo que é o feminino. A mulher tem a possibilidade de um duplo gozo, o fálico e o Outro, do qual tem a experiência e nada pode dizer. Esse Outro gozo é o imaginariamente dito vaginal.

² Cf. Seminário 20. Mais, ainda. p. 139-140.

Textura

Uma mulher, de modo contingente, aparece de maneira imprevisível gozando do seu corpo, “para de não se escrever”. Quando “para de não se escrever”, desde o real surge um sujeito que estará referenciado à Lei.

Seria possível pensar a posição do analista como a posição feminina, mas fora do gozo?

Retomando, em relação ao falo a mulher o é sem tê-lo e o homem o tem sem sê-lo.

Do lado do homem por fazer parte do conjunto, eles aparecem como equivalentes. Talvez por isto elas dizem “todos os homens são iguais”. A mulher poderia se relacionar a um com certa permanência pois este pode ser representante do Pai simbólico. O homem tomará à mulher uma a uma, uma de cada vez e como “uma-em-menos” já que do lado da mulher, por não haver universal, ela aparece de forma contingente.

Entre um homem e uma mulher se faz possível o encontro sexual sob a forma do amor, forma imaginária de dar significação à não relação sexual. A demanda insatisfeita mostra a discordância entre o amor e o que este ignora, o desejo. O amor crê na ilusão de unidade, posto que é narcísico. Mas, se o sujeito não é um, apesar do Eu querer acreditar nisso, não seria possível fazer um com o outro. O desejo se sustenta da insatisfação cuja causa é o objeto a, objeto perdido. Esta causa sustenta a imagem de um corpo sexuado, desde cujos sinais demanda e oferece um gozo, o gozo do Outro, porém só dá conta da sua impossibilidade. Entre um e Outro sexo não há relação sexual. Há inadequação. Posto em termos de órgão ou de corpo o gozo sexual é fálico.

Textura



As posições masculino e feminino são posições de discurso onde o macho e a fêmea, por habitar a linguagem se identificam e inserem de um o de outro lado.

Algumas idéias e uma leitura é o que queria trazer hoje como contribuição para a nossa discussão. Muito obrigado.



BIBLIOGRAFIA:

Copi, Irving. M.: Introdução à lógica. Editora Mestre Jou. S.P. Brasil.1981.

Freud, Sigmund.: Totem y tabú. (1913[1912-13]). Vol.13.

Introducción del narcisismo. (1914). Vol.14.

El sepultamiento del complejo de Edipo. (1924). Vol.19.

Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. (1925). Vol.19.

Inhibición, síntoma y angustia. (1926[1925]). Vol.20.

Sobre la sexualidad femenina. (1931). Vol.21. Amorrortu editores Argentina. 1976.

Granoff, Wladimir. Perrier, François.: El problema de la perversión en la mujer.

Editorial Crítica. Grupo editorial Grijalbo.

Barcelona. España. 1980.

Lacan, Jacques.: Seminario 20: Aún. Editorial Paidós. España. 1981.